

FELIPE BARONI
fbaroni@globo.com.br

Às vésperas da eleição presidencial da Rússia, na próxima sexta-feira, uma pesquisa revelou uma população cada vez mais cansada com a guerra na Ucrânia e preocupada com os problemas internos, como salários, infraestrutura e condições melhores de vida. Não que o ceticismo ameace os planos de reeleição de Vladimir Putin — desde 1999 no poder como presidente ou premier — mas ele deve ter um efeito cada vez maior em seu governo.

Segundo a nova edição da pesquisa do Projeto Crônicas, comandado pelo político opositor Alexei Minailo, a chamada “base” de apoiadores da guerra, que defendem o discurso do Kremlin e os seus propagados objetivos, é de apenas 17% dos entrevistados. Em fevereiro do ano passado, eles eram 22% — número um pouco mais alto do que o de outubro de 2023, quando representava 12%. Foram ouvidas 1.602 pessoas de 23 a 29 de janeiro por telefone.

ESTRATÉGIAS DA GUERRA

Em um país onde falar abertamente sobre a guerra, especialmente se suas opiniões forem críticas ao presidente, pode levar a uma indesejada visita à cadeia ou até a penas longas de prisão, Minailo e a equipe adotam uma estratégia conhecida de pesquisadores independentes desde os tempos da União Soviética. Afinal, existe, além do medo de discutir o tema com estranhos, a desconfiança sobre quem está perguntando.

Em vez de questões como “você apoia a guerra” ou “você defende um cessar-fogo”, os pesquisadores perguntaram sobre as atitudes das pessoas sobre a “operação militar especial”, forma como o Kremlin chama o conflito, sobre a retirada das tropas da Ucrânia sem a conclusão dos objetivos militares e sobre as prioridades do Orçamento, ou seja, se mais ou menos dinheiro deveria ser destinado ao Exército ou às ações sociais.

Sobre o apoio à guerra, 56% dos entrevistados dizem apoiar o conflito, enquanto 39% deles não concordam com uma retirada sem que os objetivos sejam atingidos, e 33% afirmam que os gastos militares devem ser prioritários. Com base nessas respostas, Minailo e a equipe do Projeto Crônicas descobriram que apenas 17% dos russos concordam com essas três afirmações favoráveis à guerra — segundo os pesquisadores, essa é a “real” base de apoio à invasão, que completou dois anos no mês passado.

— Vemos aqui um cansaço da população com a guerra — afirmou Minailo, em entrevista ao GLOBO. Quando o assunto é a mo-



Confiante: Putin e o ministro da Defesa, Sergei Shoigu (ao centro), visitam a Escola Superior de Pilotos de Krasnodar: vitória de líder já era dada como certa mesmo antes de retirada de rivais do preto

Cansaço da guerra deixa russos mais pessimistas às vésperas de eleição

Pesquisa mostra preocupação com salários, infraestrutura e condições de vida, mas vitória de Putin não está ameaçada

bilização, outro neologismo kremliniano para o chamado em massa de homens para o front, 17% — justamente a “base” dos apoiadores da guerra — concordam com uma nova rodada de convocações, algo que o Kremlin não admite, ao menos publicamente. A opção que teve mais apoio, com 29% dos entrevistados, foi trazer de volta os “mobilizados” sem que novas pessoas sejam chamadas ao front.

Do outro lado do espectro político, o núcleo pacifista é composto por 19% dos entrevistados, um patamar similar ao de fevereiro de

2023 (20%) e de outubro do ano passado (18,5%). Entre os entrevistados, 44% não apoiam a guerra, 40% defendem a decisão de retirar as tropas mesmo sem que os objetivos tenham sido atingidos e, no ponto que parece ser o calo de Putin, 40% dizem que a prioridade são os gastos sociais.

OPORTUNIDADES INABILITADAS

Na quinta-feira passada, Putin proferiu o discurso sobre o Estado da União ao Conselho da Federação, a Câmara Alta do Parlamento russo. No Ocidente, as menções às armas nucleares re-

percutiram com destaque, mas internamente chamou a atenção o tom de campanha da fala, que incluiu promessas de aumento de gastos sociais e até da compra de novos veículos, como ônibus urbanos.

— O problema da pobreza ainda é agudo, ele afeta diretamente mais de 9% da população. E entre as famílias maiores, a taxa de pobreza é de mais de 30% — disse o presidente. — É necessário definir objetivos claros e avançar consistentemente para alcançá-los: garantir que até 2030 o nível de pobreza na Rússia

caia abaixo dos 7%, e entre as famílias numerosas caia em mais de metade, para pelo menos 12%.

Para Minailo, foi uma fala forte na aparência, mas frágil no conteúdo.

— Tenho a absoluta certeza de que esse não é um plano genuíno de Putin: as pessoas querem mais atenção aos temas internos, e ele fez promessas falsas. Por exemplo, ele prometeu 40 mil ônibus novos, mas isso é menos do que o necessário para a reposição natural da frota — opinou.

Caminhando para a quinta vitória nas urnas, Putin moldou o sistema para garantir mais uma vitória sem sustos: além do apoio que ele tem entre boa parte dos russos, a Justiça Eleitoral eliminou potenciais rivais com base em alegações de questionáveis e permitiu nas cédulas apenas nomes já simpáticos ao Kremlin.

Isso não impede que a insatisfação de muitos russos transpareça — embora Putin não seja alvo direto de protestos, eles não são tão raros na Federação Russa, e em muitas ocasiões os pontos mais atacados são a ineficiência do Estado e os muitos problemas a resolver.

O sentimento é capturado na pesquisa: os entrevistados foram questionados sobre como eles veem o país depois das eleições se Putin vencer, e também sobre como a Rússia seria se um candidato considerado ideal vencesse. Além disso, a pesquisa incluiu alguns cenários do que seria o futuro perfeito, independentemente de quem for o líder. No cenário perfeito, a mai-

or parte dos esforços do Estado estaria concentrada na resolução dos problemas econômicos e sociais (83%) e no fim da guerra (82%) após o cumprimento dos objetivos militares — apenas 15% consideram que uma nova mobilização faria parte desse mundo, enquanto 58% incluíram a trégua com a Ucrânia, e 51%, a restauração dos laços com o Ocidente.

‘DEMANDA POR MUDANÇAS’

Sobre as expectativas para o próximo governo, com Putin e com um hipotético candidato ideal, a imagem de Putin é mais associada ao aumento de gastos militares (72%), ao fim da guerra após o cumprimento dos objetivos militares (56%) e aos problemas internos da Rússia (56%). Apenas 19% dos entrevistados consideram que ele será capaz de eliminar as sanções internacionais, e 28% creem que conseguirá reatar os laços com o Ocidente. Os números do candidato ideal para os entrevistados são similares aos de presidente, o que mostra, segundo os pesquisadores, um certo ceticismo dos russos com a classe política.

“Nem Putin nem o candidato ideal saciam a demanda dos eleitores por mudanças positivas em 2024 e 2025”, afirma o relatório. “Por um lado, isso demonstra o pessimismo dos entrevistados e, por outro, uma grande demanda por mudanças, especialmente pelo fim da guerra e pela mudança do foco de uma política externa agressiva para a resolução dos problemas internos e a restauração dos laços com os países ocidentais.”

RETRATO DO CONFLITO

Cobranças por mais gastos sociais ganham força após dois anos da invasão da Ucrânia

Sinais contrários à guerra



Fonte: Projeto Crônicas

Sinais favoráveis à guerra



Fonte: Projeto Crônicas

EUA usam economias do Exército para ajudar Ucrânia

Contornando obstrução republicana na Câmara, governo Biden monta pacote de US\$ 300 milhões, que dará gás a Kiev por algum tempo

REUTERS

O EUA anunciaram, ontem, um novo pacote de ajuda militar à Ucrânia, num valor que pode chegar a US\$ 300 milhões (R\$ 1,5 bilhão). A verba foi reunida a partir da economia feita pelas Forças Armadas em contratos previamente licitados, o que deve garantir o primeiro envio americano à Kiev desde que o finan-

ciamiento anterior se esgotou, no fim de dezembro, em um momento em que a maioria republicana na Câmara dos Deputados bloqueia tentativas do governo de Joe Biden de aprovar uma nova ajuda. Outros funcionários do Pentágono informaram que o pacote vai incluir sistemas de defesa anti-aérea, munições de artilharia e sistemas de blindagem. Não está claro se os mili-

seis de longo alcance ATACMs também farão parte da ajuda. Na avaliação dos funcionários ouvidos pelo New York Times, a medida é provisória.

A ajuda chega em momento no qual a Ucrânia necessita urgentemente de sistemas de defesa anti-aérea, uma vez que a Rússia continua a bombardear cidades, especialmente no leste. De acordo com uma autoridade americana, a solução im-

provisada manteria o avanço das tropas russas sob controle por algumas semanas.

O Senado aprovou um projeto de lei de ajuda emergencial de US\$ 60,1 bilhões (R\$ 299 bilhões) à Ucrânia, mas a medida enfrenta um destino incerto na Câmara, onde os líderes republicanos se recusam a submeter a medida a votação. Embora os responsáveis pelo Congresso digam que existe

uma massa crítica de apoio para continuar a armar a Ucrânia contra a Rússia, o Partido Republicano está cada vez mais afastado de sua tradicional postura agressiva e da crença na projeção do poder dos EUA. Muitos legisladores do partido exigem medidas contra a imigração para apoiar qualquer extensão da ajuda a Kiev. O impasse nos EUA levou, segundo funcionários do Pen-

tágono, a uma escassez crítica de armas e munições nos fronts na Ucrânia, causando racionamento de projéteis e baixa do moral das tropas.

Desde a invasão russa na Ucrânia, em fevereiro de 2022, o governo Biden enviou mais de US\$ 75 bilhões (R\$ 373 bilhões) em dinheiro e equipamento ao país.

Por sua vez, estimativas da Organização do Tratado do Atlântico Norte indicam que a Rússia aumentou consistentemente sua produção de munição de artilharia, fabricando cerca de 250 mil unidades por mês, o que supera a capacidade do EUA e da Europa combinada.